

"Trabalhar com bebés é de uma grande complexidade técnica e pedagógica"



ENRIC VIVES RUBIO



apreciam a delicadeza de uma bailarina, deliciam-se a espreitar os instrumentos, desde clássicos saxofones a tradicionais cavaquinhos, passando pelos exóticos didgeridoos, e atrevem-se a tocar naqueles objectos estranhos de onde saem uns sons tão divertidos.

Dez anos depois desse primeiro dia em que, em Leiria, se estreou o espectáculo "Concertos para bebés" - uma marca registada por Paulo Lameiro (e que não deve ser confundida com mais nada que tenha nomes mais ou menos parecidos e que entretanto tenha surgido) - já muitos terão ouvido falar dele e outros até já terão conseguido assistir. O que até nem é coisa pouca, porque garantir entrada nestes concertos, seja na Casa da Música, no Porto, ou no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra, onde se apresentam mensalmente, é muitas vezes mais difícil do que arranjar um bilhete para o Scala (e esta frase tem direitos de autor, de um pai que achou que a gravação de um CD com os concertos tinha sido um acto de misericórdia). Do que talvez poucos saberão é do longo e proficuo trabalho que está por trás deste projecto, não só pelos dez anos que comemora, mas por toda a estrutura em que assenta e que tornou a pequena freguesia de Pousos, em Leiria, um verdadeiro "Berço das Artes".

É em Pousos, e nas renovadas instalações da Sociedade Artística Musical Pousense (SAMP), que Paulo Lameiro e a sua equipa de professores dão aulas de música a crianças dos três meses aos cinco anos. Se a equipa é inovadora, não é pela formação - são maestros, músicos e bailarinos profissionais, o próprio Paulo Lameiro esteve na direcção do Conservatório de Lisboa. São inovadores nos métodos e nos desafios que se propuseram alcançar. São 26 professores para uma população escolar de 300 alunos (quase 200 com seis ou menos anos). "Trabalhar com bebés é de uma grande complexidade técnica e pedagógica", começa Paulo Lameiro. Com a agravante de se dirigir ao mais impiedoso dos públicos: se não gostam, não se dão ao trabalho de disfarçar, nem estão preocupados com as regras das boas maneiras.

O segredo, parece, é gostar muito, muito de crianças. E saber que nos primeiros anos de vida o potencial de aprendizagem está ao rubro, percorrendo as fases identificadas por Edwin Gordon (um reconhecido pedagogo musicólogo): ouvem, imitam, assimilam e improvisam. "O nosso método de ensino não é gordoniano, mas admito que ouvir uma palestra dele mudou a minha vida, e esta escola", diz Paulo Lameiro. "Foi fundamental para a decisão de começar a trabalhar com recém-nascidos", explica.

Rotinas e surpresas

Pedro está sentado na cadeirinha com que os pais o transportam no automóvel, mas agora numa sala aquecida, em cima de almofadas, e numa aula em que apareceram mais dois bebés. Pedro só tem cinco meses; o Miguel tem oito meses e a Maria tem nove. De maneira distinta, todos reagem e interagem com os estímulos musicais e as brincadeiras visuais. Durante 45 minutos, e desde as nove da manhã, não se troca uma palavra na sala.

Os sons são outros, e os estímulos são plenos: há fantoches que metem conversa monossilábica com as crianças, há jogos - como aquele em que os pais e os bebés fazem

deslizar uma bola de borracha ao longo de um tecido e ao som de música clássica, e há surpresas como aquela que saiu de uma caixa onde estavam muitos ovos de galinha e que, afinal, eram matracas que permitiam acompanhar o ritmo da música. Nunca foram precisas palavras. E choros também não houve. "Da primeira vez chorou. Mas agora acompanha os ritmos com o pé", explica a mãe da Maria.

Rodrigo, 13 meses, não pára quieto. Nem tem de o fazer. Na aula a que assistiu, com a turma entre os 12 e os 24 meses, os bebés andam à vontade, correm, dançam, tocam-se. E brincam. Os pais também. Todas as semanas há rotinas, e há surpresas. A mãe, Sílvia Ferreira, explica: "Há uma música de entrada na aula e uma música de despedida. E há uma música que assinala quando é que se tem de arrumar os brinquedos ou os instrumentos, para se passar à actividade seguinte. O Rodrigo já as reconhece, e quando sai da aula, já vai a dançar".

Assistir às aulas é bom para todos. "Às vezes surpreendem-se quando digo que trago o Rodrigo para aulas de música, por ser tão pequenino. Eu respondo que estas aulas são a melhor ocupação e a melhor terapia que há, para os bebés, mas também para os pais. Nós também nos divertimos a brincar e a aprender com eles", sintetiza Sílvia.

Martim tem 18 meses e trissomia 21. Anda na escola da SAMP desde os quatro meses. A recomendação de inscrevê-lo veio da Sub-Região de Saúde de Leiria e do projecto Nós - Intervenção Precoce. Já é o segundo ano que frequenta o projecto "Berço das Artes". "Na semana passada esteve doente e não pôde vir. Notava-se que para ele o sábado não foi o mesmo", explica a irmã,

Os bebés deliciam-se a espreitar os instrumentos e atrevem-se a tocar naqueles objectos estranhos de onde saem uns sons tão divertidos

Diana, que o acompanha.

Paula Carreira recorda que o filho João, com quase quatro anos, ouviu pela primeira vez as músicas do grupo estava ainda na barriga da mãe. "Foram fazer um espectáculo à Cerci, onde trabalho, e desde então nunca mais saímos desta escola... Não consigo explicar o quanto gosto disto." E o filho, também gosta? "Sim, muito", garante, apesar de estar muito mais à vontade em casa do que na escola. "Ele tem momentos de timidez muito grande. Mas está a fazer grandes progressos nestas aulas", garante a mãe. Rodrigo confirma que gosta muito e aproveita para dizer que o microfone lá de casa está avariado. "Está sem pilhas...", explica a mãe, a piscar o olho.

Rodrigo frequentou as classes de música-dança dos Carmins (0-6 meses), dos Violetas (7-18 meses) e depois dos Rosas (19 meses a 3 anos). Agora, alia às aulas de música-dança às de teatro-instrumento. Numa manhã de sábado, esteve a improvisar frases musicais e a aprender a fazer obedecer os seus movimentos aos ritmo imposto pela música; depois desenhou com a mãe uma história sobre o Outono - para depois contar aos outros meninos - enquanto todos ouviam Vivaldi. Os concertos surgiram como

extensão destas aulas. "Foi uma necessidade, não pedagógica, mas de fruição. Os pais queixavam-se que não havia eventos de música destinado a crianças. Por isso, criámos o espectáculo, e agora uma estrutura. Já apresentámos mais de 300 'Concertos para bebés'. Devemos ser o grupo de música clássica que mais vezes se apresentou ao público", brinca Paulo Lameiro. Apresentações essas que já atravessaram fronteiras e terão definitivamente, em 2009, uma grande projecção internacional, pelas presenças que vão assegurar em festivais em França, na Irlanda e no Canadá.

Mas por mais digressões e apresentações que haja, a Escola das Artes continuará em Leiria e o berço destes músicos de fraldas continuará em Pousos. Paulo Lameiro já recebeu propostas para "deslocalizar" o projecto e intensificar as apresentações em Lisboa e no Porto. "Não aceitamos, porque é aqui que ele faz sentido. Foi aqui que nasceu e é aqui que funciona. O que temos de mais-valia é esta tranquilidade", argumenta o director pedagógico da escola. E acrescenta: "Havendo uma boa ideia na comunidade, esta adopta-a. As ideias valem pela sua qualidade e não estão dependentes do contexto".

Para celebrar o décimo aniversário da iniciativa, o Teatro Miguel Franco, em Leiria, recebe um intenso programa de actividades durante este fim-de-semana. O ponto alto será o concerto, amanhã, que conta com a cantora Maria João como solista convidada. Está aberta a corrida aos bilhetes para os 97 concertos que já estão agendados para 2009 - que os de 2008 já esgotaram.

● Eles os quatro chegam de repente, ainda com todos fora da sala do espectáculo, e começam a abeirar-se das crianças e bebés, a interagir e a entoar um "canto sem palavras". Ya-pa-pa-pa-prrrrrrrrrrrrr... Entretanto, os pais questionam-se interiormente se os bebés vão aguentar a música, se irão chorar, e que tipo de música é que irão, afinal, ouvir... Pa-prrrrrrrrrrrrr-pa-pa. Eles explicam, sempre a cantar, o que é que os curiosos e até ansiosos pais poderão esperar quando entrarem na sala.

Eles são o maestro [a vestimenta não engana, mesmo não sendo o tradicional fraque preto, e estando contaminado por saudáveis apontamentos de cor], uma bailarina e duas cantoras. O maestro explica que "se o bebé chorar, chorou", e sempre a cantar, relembra que "quem 'estraga' os concertos são sempre os pais, nunca os bebés" - porque lhes pedem para bater palmas, porque os instam a dançar e a fazer as gracinhas que fazem lá em casa... Ya-pa-pa-yapa-pa-pa!

A verdade é que o resultado é sempre o mesmo. Lá dentro, aos quatro juntam-se outros tantos (os instrumentistas) e ainda um músico convidado. Os bebés não só aguentam como adoram. Ouvem música clássica, ouvem música tradicional, por vezes ouvem música electrónica,

casa da música

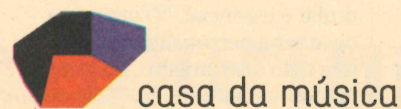
Pedro Jóia & Orquestra de Câmara Meridional



www.casadamusica.com | call center: 20 120 20

03 Dezembro
Quarta-feira 22:00
SALA SUGGIA

A herança da guitarra portuguesa e dos seus principais intérpretes tem dado origem a reinterpretaciones virtuosas pelas mãos de Pedro Jóia. Depois de Carlos Paredes, é a obra de Armando Augusto Freice (Armandinho) que renasce agora com arranjos surpreendentes. Na segunda parte do concerto, Pedro Jóia interpreta ainda várias composições originais e temas de Páco de Lucía, uma das suas grandes referências.



APÓIO INSTITUCIONAL MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.